




**AVENTURA MARÍTIMA, EXISTÊNCIA E AMIZADE EM POE E MELVILLE:  
CONVERGÊNCIAS E TENSÕES SOB A ÓTICA DE ERICH AUERBACH**

**MARITIME ADVENTURE, EXISTENCE, AND FRIENDSHIP IN POE AND  
MELVILLE: CONVERGENCES AND TENSIONS FROM THE PERSPECTIVE OF  
ERICH AUERBACH**

**AVENTURA MARÍTIMA, EXISTENCIA Y AMISTAD EN POE Y MELVILLE:  
CONVERGENCIAS Y TENSIONES DESDE LA PERSPECTIVA DE ERICH  
AUERBACH**

 <https://doi.org/10.56238/levv17n57-003>

Data de submissão: 03/01/2026

Data de publicação: 03/02/2026

**Ana Cristina Alves de Paula Barreto**

Doutoranda em Letras

Instituição: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual  
Paulista (Unesp-IBILCE)

E-mail: [ana.c.paula@unesp.br](mailto:ana.c.paula@unesp.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8273-1012>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3739748746381965>

---

**RESUMO**

Este artigo realiza uma análise comparativa entre *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* (1838), de Edgar Allan Poe, e *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, a partir de pressupostos teóricos de Erich Auerbach, especialmente no que concerne às formas de representação do real na literatura ocidental. As duas obras, embora provenientes de projetos estéticos distintos, convergem na utilização da aventura marítima como espaço privilegiado de investigação existencial, simbólica e narrativa. No romance de Poe, a travessia marítima se manifesta como experiência de desorientação e horror, articulada por uma sucessão de eventos extremos que tensionam os limites da verossimilhança. Essa forma narrativa aproxima-se de modos pré-realistas em que o sublime e o fantástico coexistem com a intenção documental. Em contraste, Melville elabora um realismo de amplitude enciclopédica, no qual observação factual, metáfora e reflexão filosófica se entrelaçam, dando à caça à baleia branca um caráter alegórico complexo e inesgotável. No plano das relações humanas, as obras apresentam tratamentos divergentes da convivência e da amizade entre tripulantes. Enquanto Poe privilegia vínculos frágeis e circunstanciais, frequentemente subordinados a dinâmicas de sobrevivência e ameaça, Melville constrói uma comunidade marítima heterogênea, marcada por rituais, funções organizadoras e pela emblemática amizade entre Ismael e Queequeg, que incorpora valores éticos de alteridade e solidariedade. A leitura comparativa revela ainda que, para ambos os autores, o mar funciona como força estruturante, condicionando riscos, encontros, identidades e reflexões metafísicas. Contudo, o modo de representação difere substancialmente: Poe investe em atmosferas de perturbação e incerteza, ao passo que Melville amplia o horizonte de significados, aproximando-se de um realismo moderno multifacetado. Assim, a análise demonstra que, apesar das diferenças estilísticas e estruturais, os dois romances exploram o mar como território narrativo e existencial, convertendo a viagem marítima em metáfora da busca humana por sentido. Sob a ótica de Auerbach, ambas as obras contribuem para compreender a pluralidade das formas realistas e a potência simbólica da literatura norte-americana do século XIX.

**Palavras-chave:** Arthur Gordom Pym. Moby Dick. Amizade. Aventura Marítima.

## ABSTRACT

This article presents a comparative analysis between Edgar Allan Poe's "The Narrative of Arthur Gordon Pym" (1838) and Herman Melville's "Moby Dick" (1851), based on the theoretical assumptions of Erich Auerbach, especially concerning the forms of representation of reality in Western literature. The two works, although originating from distinct aesthetic projects, converge in their use of maritime adventure as a privileged space for existential, symbolic, and narrative investigation. In Poe's novel, the sea voyage manifests as an experience of disorientation and horror, articulated by a succession of extreme events that strain the limits of verisimilitude. This narrative form approaches pre-realist modes in which the sublime and the fantastic coexist with documentary intent. In contrast, Melville elaborates a realism of encyclopedic scope, in which factual observation, metaphor, and philosophical reflection intertwine, giving the hunt for the white whale a complex and inexhaustible allegorical character. In terms of human relations, the works present divergent treatments of coexistence and friendship among crew members. While Poe prioritizes fragile and circumstantial bonds, often subordinated to dynamics of survival and threat, Melville constructs a heterogeneous maritime community, marked by rituals, organizing functions, and the emblematic friendship between Ishmael and Queequeg, which incorporates ethical values of otherness and solidarity. Comparative reading also reveals that, for both authors, the sea functions as a structuring force, conditioning risks, encounters, identities, and metaphysical reflections. However, the mode of representation differs substantially: Poe invests in atmospheres of disturbance and uncertainty, while Melville broadens the horizon of meanings, approaching a multifaceted modern realism. Thus, the analysis demonstrates that, despite stylistic and structural differences, both novels explore the sea as a narrative and existential territory, converting the sea voyage into a metaphor for the human search for meaning. From Auerbach's perspective, both works contribute to understanding the plurality of realistic forms and the symbolic power of 19th-century American literature.

**Keywords:** Arthur Gordon Pym. Moby Dick. Friendship. Maritime Adventure.

## RESUMEN

Este artículo presenta un análisis comparativo entre "La narrativa de Arthur Gordon Pym" (1838) de Edgar Allan Poe y "Moby Dick" (1851) de Herman Melville, basado en los supuestos teóricos de Erich Auerbach, especialmente en lo que respecta a las formas de representación de la realidad en la literatura occidental. Ambas obras, si bien provienen de proyectos estéticos distintos, convergen en su uso de la aventura marítima como espacio privilegiado para la investigación existencial, simbólica y narrativa. En la novela de Poe, el viaje por mar se manifiesta como una experiencia de desorientación y horror, articulada por una sucesión de acontecimientos extremos que ponen a prueba los límites de la verosimilitud. Esta forma narrativa se acerca a los modos prerrealistas en los que lo sublime y lo fantástico coexisten con la intención documental. En contraste, Melville elabora un realismo de alcance enciclopédico, en el que se entrelazan la observación factual, la metáfora y la reflexión filosófica, otorgando a la caza de la ballena blanca un carácter alegórico complejo e inagotable. En cuanto a las relaciones humanas, las obras presentan enfoques divergentes sobre la coexistencia y la amistad entre los tripulantes. Mientras Poe prioriza los vínculos frágiles y circunstanciales, a menudo subordinados a dinámicas de supervivencia y amenaza, Melville construye una comunidad marítima heterogénea, marcada por rituales, funciones organizadoras y la emblemática amistad entre Ismael y Queequeg, que incorpora valores éticos de alteridad y solidaridad. La lectura comparativa también revela que, para ambos autores, el mar funciona como una fuerza estructurante, condicionando riesgos, encuentros, identidades y reflexiones metafísicas. Sin embargo, el modo de representación difiere sustancialmente: Poe se centra en atmósferas de perturbación e incertidumbre, mientras que Melville amplía el horizonte de significados, acercándose a un realismo moderno multifacético. Así, el análisis demuestra que, a pesar de las diferencias estilísticas y estructurales, ambas novelas exploran el mar como territorio narrativo y existencial, convirtiendo la travesía marítima en una metáfora de la búsqueda humana de



sentido. Desde la perspectiva de Auerbach, ambas obras contribuyen a comprender la pluralidad de formas realistas y el poder simbólico de la literatura estadounidense del siglo XIX.

**Palabras clave:** Arthur Gordon Pym. Moby Dick. Amistad. Aventura Marítima.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura marítima norte-americana do século XIX constitui um campo privilegiado para a observação dos modos de representação do real e das tensões simbólicas que permeiam a formação cultural dos Estados Unidos.

De acordo com o *Livro da Literatura* (2016, p. 140),

Os Estados Unidos do princípio até meados do séc. XIX testemunharam o desenvolvimento de duas vertentes do romantismo. Uma delas, notadamente praticada por Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, foi o transcendentalismo, um movimento idealista centrado na crença da alma ou “luz interior” e na bondade inerente dos seres humanos e do mundo natural.

A outra foi o romantismo sombrio, que sustentava uma visão menos otimista da natureza humana. Escritores como Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne e Herman Melville exploraram a suscetibilidade individual para o pecado e a autodestruição, numa reação contra o idealismo transcendentalista.

Ambas as escolas reconheciam uma energia espiritual na natureza. Porém, enquanto os transcendentalistas viam a natureza como canal mediador entre Deus e a humanidade, os românticos sombrios eram menos confiantes na perfectibilidade humana. Viam a natureza como detentora de verdades obscuras e misteriosas que os humanos confrontam a seu próprio risco.

Num espírito pessimista, consideravam as tentativas de modificações sociais como dubiamente utópicas. Na poesia e na prosa, entre 1836 e os anos 1840, expoentes do romantismo sombrio frequentemente descreviam indivíduos falhando em suas tentativas de gerar mudanças positivas. Engolidos pelo horror, pelo sobrenatural e pelo macabro, assim como pelo sofrimento e pela tragédia, ficavam fascinados pela propensão humana para a maldade e pelas consequências psicológicas do pecado, da culpa, da vingança e da insanidade.

Esses elementos também foram encontrados na literatura gótica e abriram caminho para a narrativa moderna de horror. Como as verdades que os românticos sombrios buscavam revelar eram primitivas e irracionais, favoreceram o uso do simbolismo – um modo de comunicação que não dá apreço à razão.

O oceano, enquanto espaço literário, figura tanto como cenário da aventura quanto como instância de confronto com limites materiais, psicológicos e metafísicos. Em *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* (1838), de Edgar Allan Poe, e em *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, esse duplo estatuto da experiência marítima assume dimensões particularmente expressivas, permitindo examinar a forma como cada autor articula o movimento entre facticidade e imaginação, entre minúcia documental e impulso alegórico.

A leitura conjunta desses dois romances revela não apenas afinidades temáticas, mas também profundas diferenças na constituição da perspectiva narrativa e na densidade simbólica dos acontecimentos. Enquanto Poe se vale de um narrador cuja credibilidade permanece em constante suspensão, oscilando entre relato preciso e delírio sensorial, Melville estrutura um narrador-reflexivo que inscreve seu próprio processo de percepção dentro de um quadro mais amplo de reflexão filosófica. Tais procedimentos, por sua vez, dialogam intensamente com as categorias formuladas por Erich Auerbach em *Mimesis*, sobretudo no que tange à pluralidade estilística e à historicidade da representação.

Auerbach, ao examinar a literatura ocidental, identifica uma mudança profunda na maneira como o real é incorporado à narrativa, especialmente a partir da modernidade. Essa transformação inclui a abertura para personagens de estatuto social variado, a descrição detalhada do cotidiano e a convivência de registros linguísticos antes considerados incompatíveis. A literatura marítima, marcada pela presença de figuras marginalizadas, tarefas laboriosas e relações de camaradagem forjadas pela necessidade, torna-se terreno fértil para esse tipo de análise.

Nesse contexto, a amizade entre tripulantes adquire relevância não apenas temática, mas estrutural. Em *Pym*, as relações surgem sob o signo da contingência e da ameaça, revelando a precariedade da convivência humana em meio ao caos marítimo. Já em *Moby Dick*, a fraternidade simbolizada pela união entre Ismael e Queequeg manifesta, segundo uma lógica auerbachiana, a valorização do “estilo humilde”, no qual sujeitos ordinários ganham profundidade trágica e universal.

A abordagem auerbachiana permite compreender como ambos os romances constroem uma oscilação entre o sublime e o cotidiano. Poe explora o grotesco, o insólito e o terrível, produzindo uma experiência de leitura que desafia a transparência mimética e tensiona qualquer estabilidade interpretativa. Melville, por outro lado, conjuga descrições meticulosas da caça à baleia com epifanias metafísicas, de maneira que o concreto e o abstrato coexistem de forma dialética.

A descrição do universo marítimo, em ambos os textos, ultrapassa o mero registro documental. Em Poe, o detalhamento técnico frequentemente se dissolve em atmosferas oníricas, revelando uma concepção de realidade permeada por fissuras e incertezas. Em Melville, a erudição enciclopédica convive com um imaginário bíblico e mitológico, compondo uma tessitura que possibilita, conforme sugere Auerbach, a sobreposição de níveis estilísticos distintos.

Outro aspecto decisivo diz respeito ao modo como a narrativa articula o perigo. O mar funciona como um catalisador de tensões psicológicas e sociais, expondo limites do corpo e da linguagem. Em *Pym*, esse perigo assume frequentemente formas inexplicáveis, acentuando o potencial de desorientação do narrador. Em *Moby Dick*, o risco é estrutural e ontológico: a obsessão do capitão Ahab converte a jornada em um embate entre a interioridade humana e a opacidade do real.

A dinâmica de grupo, por sua vez, configura-se de modo contrastante. Em Poe, o convívio entre tripulantes é instável, permeado por motins, suspeitas e alianças efêmeras. Auerbach, ao tratar das situações cotidianas que adquirem ressonância trágica, oferece instrumental teórico para interpretar como tais relações revelam o caráter subterrâneo da violência social. Em Melville, a vida a bordo do *Pequod* constitui uma microcomunidade que encarna tensões raciais, culturais e hierárquicas, mas também momentos de solidariedade e comunhão.

A relação entre estilo e experiência desempenha, portanto, um papel central na análise comparada. Para Auerbach, o estilo não é mera questão formal, mas o modo como a realidade histórica se inscreve no texto. Nesse sentido, a irregularidade estilística de Poe corresponde à experiência

fragmentária e desconcertante vivida por seus personagens. Já a amplitude estilística de Melville reflete um projeto literário que busca abarcar a multiplicidade do mundo.

O problema da verossimilhança também se apresenta de maneira distinta. Enquanto *Pym* se caracteriza por um narrador cuja credibilidade é alvo constante de suspeita, Melville constrói uma voz que, embora permeada por digressões, reivindica autoridade interpretativa. Essa diferença na posição narrativa incide diretamente sobre a forma como cada romance lida com a presença do extraordinário.

Além disso, a amizade entre tripulantes, examinada sob o prisma auerbachiano, revela-se um elemento de resistência à desagregação. Auerbach valoriza momentos de convivência humana como instâncias de revelação ética. Em *Moby Dick*, a relação entre Ismael e Queequeg figura exemplarmente essa abertura para o outro, enquanto em Poe o laço entre Pym e Augustus ou Pym e Peters é continuamente ameaçado pela instabilidade das circunstâncias.

A temática da travessia também merece destaque. O mar, enquanto metáfora da incerteza, proporciona aos autores a possibilidade de elaborar conflitos ligados à identidade, à percepção e ao limite do conhecimento. Auerbach identifica, em textos que tratam da condição humana em situações extremas, uma chave interpretativa para a modernidade literária, o que torna *Pym* e *Moby Dick* particularmente adequados a essa perspectiva.

A representação do indizível é outro eixo de aproximação. Poe conduz o leitor a um horizonte de mistério que jamais se resolve plenamente, sugerindo a insuficiência da linguagem diante do desconhecido. Melville, por sua vez, emprega estratégias de ampliação semântica, acumulando símbolos e imagens que visam penetrar a opacidade da existência. Em ambos, o oceano resiste à interpretação totalizante.

O tratamento dado à morte se inscreve no interior dessa problemática. Em *Pym*, a morte surge como ameaça constante, marcada por brutalidade e imprevisibilidade. Em *Moby Dick*, ela se associa à inexorabilidade trágica da narrativa, especialmente na figura de Ahab. Auerbach, ao examinar a gravidade do estilo sério, fornece caminhos para pensar essas representações.

No que concerne à temporalidade narrativa, Poe adota um ritmo acelerado e intermitente, associado a uma sucessão de eventos extraordinários. Melville, ao contrário, alterna aceleração e pausa, criando uma temporalidade reflexiva. Tais modalidades temporais produzem efeitos diferenciados de realismo e intensidade emocional.

A espacialidade também se configura de forma distinta. O mar de Poe é um espaço de dissolução, um campo de manifestações inexplicáveis. O mar de Melville é uma vastidão concreta, regulada por técnicas navais, ainda que permeada por significações metafísicas. Essa diferença permite observar como o espaço marítimo pode assumir funções contrastantes dentro da representação realista.

A construção de um imaginário nacional norte-americano constitui ponto de convergência entre os dois romances, ainda que de modo indireto. A navegação, a abertura ao desconhecido e a formação

de um coletivo multiétnico a bordo dialogam com debates identitários do período. Auerbach, atento às formas de expressão histórica no texto literário, oferece um referencial capaz de iluminar tais implicações.

A materialidade do trabalho marítimo, frequentemente enfatizada por Melville, vincula-se ao que Auerbach identifica como aprofundamento do cotidiano na literatura moderna. Poe, embora menos voltado aos aspectos laborais, explora momentos de crise que revelam fragilidades constitutivas da vida humana. Em ambos os casos, a experiência concreta é convertida em matéria narrativa de alto teor simbólico.

Desta feita, a comparação entre *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* e *Moby Dick*, à luz de Auerbach, permite compreender de que modo os autores mobilizam diferentes registros para representar o mundo marítimo e suas implicações existenciais. Auerbach, ao destacar a coexistência de estilos e a inscrição da história na forma literária, oferece instrumentos fundamentais para analisar como a aventura marítima se converte, em cada texto, em uma reflexão sobre os limites do homem e da linguagem.

Assim, esta introdução propõe situar os dois romances dentro de um horizonte teórico que privilegia a complexidade estilística, a historicidade e a profundidade da experiência humana, preparando o terreno para uma análise comparativa que destacará convergências, contrastes e a singularidade com que Poe e Melville contribuem para a tradição literária ocidental.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota como eixo metodológico a análise comparativa de base hermenêutica, orientada principalmente pelas contribuições de Erich Auerbach acerca da representação da realidade na literatura ocidental. A partir desse referencial, busca-se compreender como *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* e *Moby Dick* mobilizam diferentes registros estilísticos e estratégias narrativas para construir a experiência marítima e a relação entre tripulantes. A metodologia se estrutura, portanto, na articulação entre teoria literária, leitura atenta dos textos e comparação sistemática dos elementos recorrentes.

Auerbach oferece uma perspectiva que privilegia a historicidade da forma literária, entendendo-a como expressão concreta de uma visão de mundo. Assim, a análise parte do pressuposto de que cada romance inscreve, em sua própria estrutura, modos específicos de apreender o real. Nesse sentido, a investigação recorre à leitura auerbachiana da mescla de estilos — o sublime e o humilde, o trágico e o cotidiano — para identificar como Poe e Melville organizam formalmente seus enredos marítimos.

A pesquisa adota como procedimento inicial a leitura integral das obras, com registro detalhado das passagens que evidenciam: (1) descrição do espaço marítimo; (2) construção das relações de



amizade entre tripulantes; (3) tensões entre realidade e fantástico; (4) articulação entre cotidiano e transcendência. Esses elementos serão posteriormente cotejados à luz das categorias auerbachianas.

A metodologia se vale de instrumentos da crítica temática, entretanto sem reduzir os textos à mera catalogação de motivos. Em conformidade com Auerbach, entende-se que a função da análise não é extrair temas isolados, mas examinar como eles se realizam formalmente dentro do todo estilístico da obra. Assim, aspectos narrativos, estilísticos e simbólicos são tratados de maneira integrada.

O método comparativo utilizado não busca estabelecer hierarquias entre Poe e Melville, mas sim evidenciar contrastes estruturais. Para Auerbach, a comparação literária é produtiva quando permite compreender diferenças no modo de representar a realidade. Desse modo, a relação entre *Pym* e *Moby Dick* não visa apontar influências diretas, e sim iluminar, por meio do contraste, distintas operações miméticas.

Outro procedimento metodológico central consiste na análise do narrador. Auerbach enfatiza a importância da perspectiva narrativa na constituição do real, defendendo que a forma de narrar revela a posição histórica e existencial do sujeito. A pesquisa, portanto, examina a oscilação entre credibilidade e delírio em Poe, e a voz reflexiva enciclopédica de Ismael em Melville, observando como esses modos de narrar afetam a construção da aventura marítima.

A metodologia também implica observar a materialidade linguística das obras. Como Auerbach sublinha a importância do estilo como expressão da realidade histórica, a análise empreende um estudo dos níveis de linguagem presentes nos romances, identificando alternâncias entre registros simples, técnicos, poéticos e filosóficos. Esses deslocamentos estilísticos serão interpretados como manifestações do realismo moderno auerbachiano.

Um aspecto metodológico relevante envolve a atenção às cenas de convivência e amizade entre tripulantes. Para Auerbach, momentos cotidianos podem adquirir profundidade trágica e valor universal. Assim, as interações entre Pym, Augustus e Peters, bem como entre Ismael, Queequeg e a tripulação do *Pequod*, serão examinadas não apenas como eventos narrativos, mas como revelações éticas e ontológicas.

Além do diálogo com Auerbach, utiliza-se a hermenêutica literária como método complementar, especialmente no que diz respeito à interpretação simbólica das imagens marítimas. Parte-se da premissa de que o mar, em ambos os textos, funciona como espaço de experiência e metáfora. A interpretação será conduzida seguindo o princípio auerbachiano de que a forma simbólica deve ser analisada em sua relação com o real, e não isoladamente.

O estudo também incorpora elementos da crítica estrutural, sobretudo no exame da organização interna dos romances. Contudo, diferentemente do estruturalismo estrito, privilegia-se o enfoque



histórico e experiencial característico de Auerbach, que vê a estrutura não como sistema abstrato, mas como resultado de uma visão de mundo enraizada na realidade cultural.

A metodologia prevê, ainda, um procedimento comparativo de caráter progressivo. Inicialmente, cada romance é analisado separadamente, segundo as categorias auerbachianas. Em seguida, os resultados são aproximados, buscando convergências e divergências significativas nos modos de representar o mar, a aventura e a amizade. Esse cotejamento será feito sem perder de vista o contexto literário e histórico do século XIX norte-americano.

A pesquisa também dialoga, de modo secundário, com estudos críticos contemporâneos sobre Poe e Melville, especialmente aqueles que discutem o mar como espaço liminar. Essas leituras serão utilizadas como apoio, mas a base metodológica permanece centrada em Auerbach, cuja abordagem permite integrar forma e experiência de modo particularmente fecundo.

Outro componente metodológico consiste em analisar a temporalidade e espacialidade marítima em ambas as obras. Seguindo a orientação auerbachiana, a investigação busca compreender como as formas narrativas conferem densidade histórica ao tempo e ao espaço representados. A rapidez descontinuada de Poe e a cadência reflexiva de Melville serão examinadas como estratégias de inscrição da realidade no texto.

A pesquisa reconhece, ainda, que a aventura marítima implica situações extremas que revelam limites do humano. Inspirada pela leitura de Auerbach sobre episódios bíblicos e modernos em que o indivíduo confronta o destino, a análise observará como cada autor constrói situações-limite capazes de revelar tanto a fragilidade quanto a profundidade dos tripulantes.

Por fim, a metodologia adota a perspectiva de que a comparação crítica é, em si, um gesto interpretativo. Seguindo a tradição auerbachiana, que privilegia o exame minucioso de trechos específicos para iluminar estruturas mais amplas, esta pesquisa fará uso de excertos representativos, cujas análises serão articuladas com a totalidade da obra. O objetivo é oferecer uma leitura que não apenas aproxime Poe e Melville, mas que utilize Auerbach para compreender as singularidades de seus modos de representar a realidade marítima.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 A NARRATIVA DE ARTHUR GORDON PYM, DE EDGAR ALLAN POE

Edgar Allan Poe (1809–1849) ocupa posição singular na literatura norte-americana do século XIX, sendo amplamente reconhecido como um dos fundadores da narrativa moderna. Sua trajetória biográfica, marcada por perdas sucessivas, instabilidade financeira e tensões pessoais, influenciou profundamente sua produção literária, frequentemente associada ao terror psicológico, ao mistério e à investigação dos limites da racionalidade. Órfão desde muito cedo, Poe foi criado pela família Allan,

em meio a conflitos que se prolongariam até a vida adulta, especialmente em relação à falta de apoio material e ao temperamento incompatível com a rigidez do meio familiar.

Sua formação intelectual incluiu contato com o romantismo inglês e alemão, bem como com as discussões científicas de sua época, elementos que contribuíram para a construção de um imaginário literário onde o rigor lógico convive com o irracional e o fantástico. As experiências acadêmicas e militares, embora breves e marcadas por rupturas, ampliaram seu repertório, especialmente no que diz respeito ao ambiente disciplinado e ao senso de aventura que apareceria em alguns de seus textos.

A carreira literária de Poe se desenvolveu principalmente no jornalismo e na crítica. Seus ensaios críticos revelam um autor profundamente preocupado com a forma literária, a unidade de efeito e a construção precisa da narrativa. Nesse sentido, ele se distancia do improvisado frequentemente atribuído aos escritores românticos e se aproxima de uma concepção quase científica da criação literária, o que se torna particularmente evidente em textos como “*A filosofia da composição*”, de 1846.

Segundo Oscar Nestarez (2021),

Referindo-se à criação de *O Corvo*, então sua obra mais famosa, Poe tece reflexões sobre a extensão de uma narrativa: “Se qualquer obra literária for longa demais para ser lida em apenas uma sentada, devemos nos contentar com dispensar o imensamente importante efeito derivado da unidade de impressão”. A consideração vale tanto para a prosa quanto para a poesia; textos longos demais perderiam um “elemento artístico vastamente importante, a totalidade, ou a unidade”.

Ora, sendo assim, *A narrativa de Arthur Gordon Pym* estaria destituído desse elemento. Porque foi a obra em prosa mais extensa publicada por Poe. Entretanto, no próprio ensaio de 1846 encontramos indícios de como seu autor poderia enxergar o livro. “O que denominamos um longo poema é, na verdade, a mera sucessão de poemas breves — ou seja, de breves efeitos poéticos”, afirma ele.

E em sua totalidade, o que seria *A narrativa de Arthur Gordon Pym* senão uma sequência de episódios, ou até de contos? São amarrados em uma estrutura mais ampla pela presença do narrador-protagonista e das personagens, e pelos mesmos espaços onde se desenvolve a ação, entre outros aspectos. Mas podemos apreender o todo da obra como uma progressão de núcleos narrativos menores e, em consequência, uma acentuação da unidade de impressão tão valorizada por Poe. Esse efeito, em grande parte vinculado ao horror, não se dispersa; apenas se acumula.

Poe também inovou em diversos gêneros. No conto policial, suas narrativas protagonizadas por C. Auguste Dupin estabeleceram o modelo do detetive analítico que influenciaria autores posteriores, como Arthur Conan Doyle. No campo do horror, sua exploração da mente atormentada, da culpa e da degradação psíquica produziu algumas das imagens mais duradouras da literatura ocidental. Há ainda sua contribuição à poesia simbolista, com ênfase no ritmo, na musicalidade e na sugestão.

Edgar Allan Poe escreveu contos e poemas explorando detalhes oníricos sombrios, com pessoas enterradas vivas, lares em decadência, além de um corvo capaz de infligir tormentos psicológicos (Livro da Literatura, 2016, p. 141)

[...]

Poe é considerado o criador do “romantismo sombrio”, uma forma especificamente norte-americana de romantismo (Livro da Literatura, 2016, p. 152).

Além da poesia e do conto, Poe dedicou-se à narrativa longa, ainda que com menos frequência, sendo *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* seu único exemplo no gênero do romance. Essa obra se destaca por sua aproximação com o relato de viagem e pela construção de atmosferas que oscilam entre o documento e o sonho, articulando elementos de aventura, terror e especulação científica.

Consoante Oscar Nestarez (2023),

Único romance escrito por Edgar Allan Poe (1809-1849), *A narrativa de Arthur Gordon Pym* provocou reações entusiasmadas de outros escritores ao longo dos anos. Entre os admiradores que se debruçaram sobre o relato macabro engendrado por Poe estão Henry James, H. P. Lovecraft, H. G. Wells e Jorge Luis Borges, que o considerava a melhor obra do autor americano. Jules Verne escreveu uma sequência (*A esfinge dos gelos*) e Charles Baudelaire traduziu o texto de Poe para o francês. Além disso, é dado como certo que Herman Melville se inspirou em *Arthur Gordon Pym* para criar *Moby Dick*.

Não é difícil entender esse fascínio. *A narrativa de Arthur Gordon Pym* está à altura da atmosfera sinistra dos melhores contos de Poe e da precisão de seus poemas. A história se apresenta como se tivesse sido contada a Poe por um homem preservado sob o pseudônimo Arthur Gordon Pym. O texto da narrativa procura verossimilhança nos menores detalhes, como ao descrever a engenharia do navio ou ao precisar as coordenadas de localização no oceano.

A recepção crítica de Poe, inicialmente marcada por polêmicas, tornou-se cada vez mais favorável ao longo do tempo, especialmente a partir das leituras de Charles Baudelaire e dos simbolistas franceses, que o elevaram à condição de mestre literário. Sua influência atravessa fronteiras e períodos, marcando não apenas a literatura de horror e policial, mas também movimentos de vanguarda, como o surrealismo, que reconheceu em seus textos a força do inconsciente e do onírico.

A obra de Poe pode ser compreendida como um conjunto heterogêneo, embora coerente, articulado por temas recorrentes: a obsessão, a busca por verdade oculta, o esfacelamento da subjetividade, o conflito entre razão e irracionalidade e o fascínio pela morte. Esses elementos aparecem tanto em seus contos mais célebres quanto nas narrativas menos conhecidas, compondo um universo estético marcado pela intensidade emocional e pelo rigor técnico.

As dificuldades econômicas, a perda da esposa Virginia e as crises de saúde contribuíram para acentuar o caráter trágico de sua figura pública. Contudo, a crítica contemporânea tende a separar o mito biográfico da análise estética, valorizando a originalidade formal e o experimentalismo presentes em sua obra. Poe não é apenas um representante do gótico americano, mas um escritor que explorou com profundidade a modernidade literária emergente.

Sua morte precoce, cercada de mistério, contribuiu para o fascínio em torno de sua figura. No entanto, o legado deixado por Poe transcende o anedótico e inscreve-se de maneira definitiva na história da literatura mundial. Sua capacidade de criar atmosferas perturbadoras e de investigar os limites da consciência humana permanece objeto de estudo e admiração, consolidando-o como um dos grandes inovadores da narrativa moderna.

Assim, estudar Edgar Allan Poe significa não apenas reconstituir aspectos biográficos, mas também reconhecer a complexidade de uma obra que articula imaginação e técnica, racionalidade e

delírio, tradição e ruptura. Poe emerge, portanto, como um autor cuja importância excede os gêneros que inaugurou ou aperfeiçoou, afetando a própria compreensão do que é narrar e representar o real.

*A Narrativa de Arthur Gordon Pym* é um dos textos mais enigmáticos e ambiciosos de Edgar Allan Poe, situando-se entre o romance de aventura, o relato de exploração e a narrativa fantástica.

Para Oscar Nestarez (2023),

Poe começou a escrever *A narrativa de Arthur Gordon Pym* depois de ouvir de um editor que o público leitor preferia os textos longos aos contos, especialidade do escritor. Ele acertou com a chefia da revista onde trabalhava, *Southern Literary Messenger*, a publicação seriada dos capítulos do romance. A série foi interrompida quando a revista o demitiu, ao que tudo indica por causa de seus excessos alcoólicos. Meses se passaram até que Poe, pressionado por dificuldades financeiras, terminou o romance.

Publicado em 1838 pela editora Harper & Brothers, o livro se apresenta como suposta autobiografia do jovem Pym, cujas experiências marítimas se desdobram em uma sequência de eventos extraordinários. Ainda de acordo com Oscar Nestarez (2021),

Logo após o lançamento, o livro teve uma recepção irregular. “Esta é uma obra extraordinariamente interessante, mais do que qualquer outra coisa que tenhamos lido. É mais maravilhosa do que a mais selvagem das narrativas, e no entanto é apresentada como a sóbria verdade”, exclamou o jornal *New York Tribune*. Já o *New York Mirror* sentenciou que “O autor teria feito melhor uso de sua engenhosidade se tivesse preservado a verossimilhança da narrativa. Da forma como está, as aventuras altamente improváveis e sobrenaturais pelas quais seu herói passa logo destroem o interesse do leitor, e revoltam a imaginação”.

[...]

Parte do público também se incomodou com os “excessos” de informações científicas inseridos ao longo do relato, sendo considerados ainda mais descabidos diante do fato de que se tratava de pura ficção. Para muitos críticos, residiria aí, nessa “rasteira” aplicada em leitores, a principal fraqueza da narrativa. Em todo caso, há aspectos envolvendo a concepção da obra — e portanto sua natureza — que consideramos importantes por interferirem nas escolhas realizadas por Poe. Para compreendê-las, coloquemos o autor em foco.

[...]

Como apontaram seus críticos, Poe não economizou detalhes técnicos de modo a assegurar a verossimilhança das peripécias narradas. Sabe-se que, para compor o pano de fundo, ele se serviu de *Um relato de quatro viagens aos mares do sul e ao Pacífico* (1822-1831), obra publicada em 1832 pelo explorador estadunidense Benjamin Morrell. Vêm daí o vocabulário bastante específico das descrições náuticas e os dados geográficos contidos no livro.

[...]

Chamam a atenção, também, os “verbetes” inseridos ao longo da história: trechos em que Poe interrompe a narrativa para deter-se em questões pontuais, explicando-as em detalhes. Por exemplo, uma longa digressão dedicada ao acondicionamento de cargas em embarcações; ou uma pormenorizada explanação sobre o *biche de mer*, ou pepino-do-mar, bem como de sua comercialização. De fato são passagens que, frutos de um excesso de zelo para com a veracidade, acabam nos afastando do relato.

A obra estabelece, desde suas primeiras páginas, um pacto peculiar com o leitor: alterna momentos de aparente verossimilhança com episódios que desafiam qualquer lógica empírica. Inclusive, o romance de Poe também começa com o prefácio do narrador na primeira pessoa, o próprio Pym. Ele teme que os leitores duvidem de sua história.

A Narrativa de Arthur Gordon Pym. De Nantucket.

Contendo os detalhes de um motim e de um assombroso massacre a bordo do brigue americano *Grampus*, em rota para os mares do sul, no mês de junho de 1827.

E mais a história da recaptura do navio pelos sobreviventes, seu naufrágio e a terrível provação pela qual passaram em virtude da fome; seu resgate pela escuna britânica *Jane Guy*; o breve cruzeiro desta embarcação no Oceano Antártico; sua captura e o massacre da tripulação em um arquipélago no paralelo oitenta e quatro de latitude sul; juntamente com as incríveis descobertas no extremo sul a que essa lamentável calamidade deu origem (Poe, 2010, p. 14).

Sem nunca ter feito uma viagem de barco que durasse mais do que alguns dias, Poe imaginou, com impressionante nitidez, uma jornada de meses no mar. Imaginou horrores náuticos de diversas naturezas — as furiosas tempestades, os motins, os naufrágios, a fome e a sede.

O enredo tem início em Nantucket, onde Pym, jovem de temperamento inquieto, nutre fascínio pelo mar e deseja vivenciar uma aventura marítima. Embora sua família se oponha a esse impulso, Pym encontra apoio em seu amigo Augustus Barnard, filho de um capitão. É Augustus quem o ajuda a embarcar clandestinamente no navio baleeiro *Grampus*, que parte da costa leste dos Estados Unidos rumo aos mares do Sul, marcando o início da travessia que estruturará a narrativa. Pym se esconde num compartimento sob o convés para só aparecer em alto-mar, quando seria impossível devolvê-lo à terra firme. A permanência no esconderijo se prolonga e se transforma num pesadelo, enquanto acima de sua cabeça irrompe um motim. Os dois amigos se unem a um amotinado arrependido e partem para a retomada do controle do navio — o que envolve uma artimanha para se aproveitar da superstição da tripulação rebelde.

Os primeiros capítulos exploram a precariedade da situação de Pym a bordo, escondido no porão sob condições insalubres. A descrição desse espaço claustrofóbico — quase um túmulo — exemplifica a habilidade de Poe em produzir atmosferas de sufocamento físico e psicológico. A demora em ser resgatado pelo amigo intensifica o pânico e a sensação de abandono, recurso narrativo que reforça a fragilidade do protagonista.

A narrativa sofre uma reviravolta quando ocorre um motim no *Grampus*. Pym, ao emergir de seu confinamento, encontra-se no centro de um conflito violento entre tripulantes, marcado por brutalidade extrema. Esse episódio demonstra a tendência de Poe a mesclar aventura com elementos de horror, criando quadros que evocam tanto o caos social quanto o colapso moral.

Num crescendo de terror, o destino de Pym será uma sequência de tragédias e passagens insólitas envolvendo tempestades destruidoras, canibalismo e um navio fantasma.

Após o motim, Pym, Augustus e o marinheiro Dick Peters (um amotinado do bem), que tinha uma visão mais pragmática e não queria que o seu navio fosse transformado em um navio pirata, montam um plano para assumir o navio e são bem-sucedidos, embora este se encontre seriamente danificado.

Acabam ganhando mais um aliado, Richard Parker, que, ao implorar por piedade, junta-se aos que sobraram de todo aquele caos a bordo. Mas nem tudo parece tão perfeito quando uma tempestade

devastadora quase destrói o navio. Augustus encontra-se muito ferido no braço. Nada a não ser o grande deserto de água aparece em suas vistas cansadas pela fome e a sede. Oscilando entre a esperança e o desespero, eles tentam entrar no porão do navio cheio d'água para encontrar o que comer. Muito pouca coisa é achada. E o desespero toma conta dos sobreviventes.

O grupo tenta sobreviver em meio à escassez de alimentos e água, enfrentando um ambiente de desespero crescente. Subitamente algo aparece para renovar as esperanças: um navio vindo em direção deles, pronto para resgatá-los. Todos estão eufóricos. Mas, para o horror de todos, era um navio à deriva cheio de cadáveres apodrecendo. E agora? O que fazer? Mais uma vez o desespero é o sentimento mais comum.

A fome, a sede e a deterioração física produzem uma das passagens mais perturbadoras da obra: o sorteio que leva ao canibalismo para garantir a sobrevivência dos poucos remanescentes. Richard Parker, em um delírio suicida, propõe um jogo macabro: alguém deve morrer para alimentar os outros. Pym imediatamente recua dessa ideia sinistra. Mas tem que entrar no jogo. O proponente do jogo acaba sendo punido, ou seja, foi o escolhido a morrer. Augustus morre por causa dos ferimentos que o tomaram. Mais uma vez o desânimo se apossa dos que restaram.

A morte de Augustus constitui um ponto de virada emocional e estrutural no enredo. A amizade entre os dois personagens, tão enfatizada no início do romance, é interrompida de maneira abrupta, privando a narrativa de seu eixo afetivo original. A perda acentua o caráter trágico da jornada e sublinha a instabilidade das relações humanas em situações extremas.

Pym e Peters, após sobreviverem ao naufrágio do *Grampus*, são resgatados pela escuna *Jane Guy*, um barco de caça a focas no mar da costa da África do Sul, que se dirige à Antártida, comandada pelo Capitão Guy, um homem inteligente, que consegue salvá-los milagrosamente. Eles se recuperam desfrutando do descanso e de alimentação. Aos poucos, o navio chega em terra firme e todos trabalham de ilha em ilha, explorando e descobrindo mercadorias interessantes. Até que, no fim dessa missão, decidem ir em direção ao Polo Sul.

A entrada da nova embarcação na narrativa inaugura outra fase da história, marcada pelo contato com territórios inexplorados e fenômenos misteriosos. Poe explora aqui o imaginário das viagens científicas do século XIX, incorporando elementos de geografia, zoologia e etnografia. O enredo se encaminha para um desenlace espetacular.

A viagem rumo ao sul intensifica a dimensão especulativa do romance. O clima, a luminosidade e a fauna tornam-se progressivamente estranhos, produzindo um ambiente que oscila entre o científico e o fantástico. A descrição desses fenômenos revela o interesse de Poe pela pseudociência e pelas teorias especulativas da época, aproximando a obra de narrativas de exploração como as de James Cook.



O contato com os habitantes da ilha de Tsalal representa outro momento decisivo da narrativa. Poe cria uma sociedade marcada por sinais de alteridade radical: linguagem incompreensível, comportamento ambíguo e características físicas parcialmente distorcidas. A aparente hospitalidade dos nativos rapidamente se converte em ameaça, culminando em uma emboscada que obriga Pym e Peters a fugir.

A fuga pelos desfiladeiros de Tsalal amplia a atmosfera de pesadelo que domina a narrativa. Poe descreve cavernas, sombras e fenômenos naturais anômalos com riqueza de detalhes que reforçam o caráter labiríntico do espaço. A tensão aumenta à medida que os protagonistas percebem a intenção genocida dos nativos, tornando a sobrevivência cada vez mais improvável.

A travessia para longe da ilha conduz Pym e Peters a uma deriva extrema, em direção a regiões ainda mais desconhecidas. A tonalidade da narrativa torna-se gradualmente simbólica, quase visionária. Poe emprega uma escrita que oscila entre o documental e o metafísico, aproximando a obra de tradições literárias que investigam o sublime e o inefável.

O clímax da narrativa ocorre quando o barco improvisado dos protagonistas avança em direção ao “mar branco”, onde materiais, animais e fenômenos atmosféricos parecem dissolver-se em uma homogeneidade luminosa. A descrição desses elementos ultrapassa os limites da verossimilhança, deslocando a obra para uma dimensão alegórica. A presença de uma figura gigantesca, envolta em brancura absoluta, encerra abruptamente o romance.

Esse final enigmático, interrompido por uma nota editorial que tenta conferir veracidade ao relato, constitui uma das características mais discutidas da obra. Poe parece deliberadamente frustrar a expectativa de fechamento narrativo, optando por uma cesura que intensifica a ambiguidade entre fato e ficção. A ausência de resolução contribui para a atmosfera de mistério que permeia todo o texto.

O romance pode ser interpretado como exploração dos limites da experiência humana. A progressão rumo ao sul simboliza um mergulho no desconhecido, tanto geográfico quanto psicológico. O movimento de dissolução que marcam as páginas finais sugere não apenas a evasão espacial, mas uma espécie de desintegração ontológica, na qual Pym se aproxima de uma realidade que a linguagem já não consegue apreender.

A alternância entre eventos realistas e episódios fantásticos evidencia a ruptura com a tradição do relato de viagem factual. Poe utiliza as convenções desse gênero apenas para subvertê-lo, introduzindo elementos que desafiam sua base empírica. O resultado é uma narrativa que tensiona constantemente a noção de verdade literária.

A construção do narrador é, igualmente, um elemento fundamental. Pym apresenta-se como observador confiável apenas para que sua credibilidade seja gradualmente solapada. Esse recurso produz um efeito de suspense cognitivo: o leitor não sabe se está diante de um relato factual, de uma alucinação prolongada ou de uma combinação de ambos.



A presença recorrente da morte, da violência e do medo reforça a dimensão gótica do romance, embora este não se restrinja a esse gênero. Poe amplia as fronteiras do gótico ao inseri-lo em um contexto marítimo e científico, criando uma forma híbrida que dialoga com debates contemporâneos sobre exploração, colonialismo e alteridade.

O romance também pode ser lido como crítica implícita aos discursos de expansão territorial e supremacia cultural. A descrição de Tsalal e o comportamento dos exploradores evidenciam tensões raciais e imperiais, permitindo interpretações que transcendem a superfície narrativa da aventura.

A materialidade do mar, com suas forças imprevisíveis, funciona como metáfora central para a instabilidade da narrativa. Em *Pym*, o oceano é ao mesmo tempo espaço de liberdade e de destruição, palco de encontros e de dissoluções. A aventura marítima torna-se, assim, uma experiência limite que revela tanto a vulnerabilidade humana quanto a insistência na busca pelo desconhecido.

Assim, *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* permanece como uma obra singular dentro da literatura de Poe e da tradição norte-americana. É um livro para todas as idades, para os que gostam de aventuras e tensão. Sua combinação de aventura, terror, alegoria e especulação científica desafia classificações rígidas e convida a múltiplas interpretações. A estrutura aberta, a atmosfera inquietante e a riqueza simbólica continuam a fascinar leitores e críticos, reafirmando o lugar de Poe como um dos escritores mais inovadores de sua época.

### 3.2 MOBY DICK, DE HERMAN MELVILLE

Herman Melville (1819–1891) figura entre os mais importantes escritores norte-americanos do século XIX, cuja trajetória literária, embora marcada por incompreensões críticas durante sua vida, consolidou-se posteriormente como obra fundamental do cânone ocidental. Nascido em Nova York, Melville enfrentou, desde cedo, instabilidades financeiras decorrentes da falência do pai, experiência que moldou sua percepção sobre precariedade social e mobilidade econômica na América oitocentista. Sua juventude foi marcada por empregos esporádicos, o que antecedeu o período decisivo em que embarcou para a vida marítima.

Aos vinte anos, embarcou como marujo num navio mercante com destino a Liverpool. Em 1841, conseguiu emprego a bordo do *Acushnet*, um navio-baleeiro. Um interlúdio nas ilhas Marquesas, no Pacífico Sul, serviu-lhe de inspiração para escrever *Typee*, seu primeiro romance. Posteriormente, trabalhou em outros baleeiros e numa fragata da Marinha norte-americana.

Esses anos no mar forneceram matéria-prima narrativa e sensorial para grande parte de seus escritos, permitindo-lhe observar de perto a complexidade das relações humanas em contextos de confinamento e risco.

O ingresso de Melville na marinha mercante e posteriormente em navios baleeiros conferiu-lhe uma visão singular sobre a existência humana em ambientes limítrofes. Suas experiências com

diferentes povos, culturas e costas do mundo contribuíram para o tom cosmopolita e, ao mesmo tempo, profundamente introspectivo, que caracteriza sua obra. Em sua escrita, o mar aparece não apenas como cenário, mas como força simbólica, metáfora da vastidão incognoscível do mundo e da própria mente humana. Esse elemento se tornaria central em seu romance máximo, *Moby Dick*, publicado em 1851, obra cuja recepção só muito mais tarde alcançaria o estatuto crítico que possui hoje. Grande parte da comunidade literária acredita que *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* influenciou decisivamente Melville na concepção do clássico *Moby Dick*. Afinal, trata-se de uma dramática novela envolvendo um naufrágio e um desfile de situações dramáticas. Além de um extraordinário relato de viagem é uma obra prima de aventura e terror.

Consoante o *Livro da Literatura* (2016, p. 141),

Em 05 de agosto de 1850, dois dos grandes escritores do romantismo sombrio, Hawthorne, aos 46 anos, e Herman Melville, aos 31, conheceram-se numa expedição a uma montanha em Massachusetts. Melville, prestes a escrever seu grande romance sobre baleias, *Moby Dick*, inspirou-se em grande parte na intensa introspecção do colega mais velho e em sua rejeição à conformidade. Mais tarde, mudou-se com a mulher e a família para viver próximo a Hawthorne, vindo a incluir uma dedicatória a ele nas páginas de abertura de *Moby Dick*, em que se lê: “Em nome de minha admiração por sua genialidade”.

Melville iniciou sua carreira literária com narrativas de viagem e aventuras marítimas, como *Typee* (1846) e *Omoo* (1847), que atraíram inicialmente a atenção do público pela junção entre exotismo e verossimilhança. Esses textos, baseados em experiências reais, exploram a dinâmica do contato cultural, a crítica às sociedades ocidentais e uma reflexão permanente sobre o estatuto da civilização. Embora tenham sido bem recebidos, não anunciavam ainda a profundidade filosófica e formal que Melville desenvolveria nas obras subsequentes.

Com *Mardi* (1849), Melville inicia uma fase mais ambiciosa e alegórica, mas a recepção negativa do público, acostumado ao tom documental dos livros anteriores, desencorajou seu reconhecimento imediato. *Redburn* (1849) e *White-Jacket* (1850) retomam a temática marítima, mas já revelam uma sensibilidade mais crítica, sobretudo quanto à disciplina militar, às desigualdades sociais e à psicologia dos homens submetidos a estruturas hierárquicas rígidas. Esse conjunto de experiências e reflexões culminaria em *Moby Dick*, obra que sintetiza sua visão de mundo.

O fracasso comercial de *Moby Dick* afetou profundamente Melville. A obra, hoje considerada um marco da literatura mundial, foi inicialmente vista como excessivamente obscura, ambígua e fragmentária. A mistura de registros — épico, filosófico, enciclopédico, lírico — afastou leitores habituados à linearidade das narrativas de aventura. Ainda assim, Melville persistiu em sua busca estética, produzindo em seguida *Pierre* (1852), de forte caráter psicológico, mas que também foi recebido com hostilidade.

Com a deterioração de sua carreira literária, Melville passou a buscar estabilidade em empregos públicos, exercendo, durante décadas, a função de inspetor alfandegário em Nova York. Embora não tenha abandonado a escrita, direcionou seus esforços para a poesia, publicando *Battle-Pieces* (1866) e, mais tarde, o vasto poema *Clarel* (1876), de cunho religioso e filosófico. Sua permanência relativa à margem da cena literária estadunidense durou até sua morte (de ataque cardíaco), em 1891, quando ainda era percebido como uma figura menor.

Foi apenas no início do século XX que a crítica passou a revisitar sua obra, identificando, retrospectivamente, a complexidade estética e a dimensão filosófica que o público de sua época não reconheceu. Esse processo de redescoberta crítica consolidou Melville como um dos maiores representantes do romantismo tardio e do pré-modernismo norte-americano. A densidade simbólica de *Moby Dick* e sua reflexão sobre o mal, o destino e a relação entre humanidade e natureza passaram a ser vistas como precursoras de sensibilidades modernas.

Hoje, Melville é reconhecido pela fusão entre autobiografia, ficção filosófica, reflexão existencial e experimentação formal. Seu domínio da linguagem, seu interesse pelo trágico e pelo sublime e sua habilidade de transformar experiências concretas em alegoria universal conferem à sua obra uma atualidade notável. A complexidade estrutural de seus romances, especialmente *Moby Dick*, revela um autor atento às tensões da modernidade nascente. Em diálogo com tradições épicas, bíblicas e mitológicas, Melville construiu uma literatura que transcende fronteiras nacionais.

A história do capitão Ahab, em busca de vingança contra o terrível cachalote que amputara sua perna, entrou definitivamente para a cultura popular, inspirando, entre outras criações, pinturas de Jackson Pollock e Frank Stella, adaptações de Orson Welles para o rádio e o teatro, um filme de John Huston, e até um blues do Led Zeppelin.

Assim, a vida e a obra de Herman Melville constituem um exemplo singular de escritor cuja compreensão histórica amadureceu após sua morte, quando a crítica passou a reconhecer nele uma das vozes mais poderosas e originais da literatura ocidental. O percurso de Melville evidencia o caráter muitas vezes tardio do reconhecimento literário e a capacidade da obra-prima de ultrapassar seu tempo para dialogar com leitores e estudiosos de diferentes épocas.

*Moby Dick* (1851) é uma obra monumental que articula múltiplos níveis narrativos e simbólicos, explorando a aventura marítima como palco para questões metafísicas, existenciais e sociais. O baleeiro Essex, de Nantucket, que se chocou contra um enorme cachalote no oceano Pacífico em 1820, vindo a naufragar, foi um dos vários eventos que inspiraram Melville a escrever *Moby Dick*.

Para o *Livro da Literatura* (2016, p. 141),

Rico em linguagem, circunstâncias, personagens e simbolismo, além de apresentar uma extraordinária profundidade e amplitude de conhecimento sobre o mundo marítimo, *Moby Dick*, ou *A baleia*, é o primeiro grande épico ficcional norte-americano. Trata-se de um livro guiado por uma intensa ambição literária. A partir de sua famosa abertura – “Chamem-me

Ismael” –, que estabelece um tom de confiança e deslocamento, o leitor é levado pela busca do narrador em encontrar sentido “no novembro úmido e chuvoso de sua alma”.

O narrador Ismael apresenta-se como um sujeito errante, movido pelo desejo de escapar da melancolia e reencontrar algum sentido na vida por meio de uma viagem marítima. Esse impulso inicial funciona como porta de entrada para o universo do baleeiro *Pequod*, que se tornará espaço central da narrativa.

Consoante o *Livro da Literatura* (2016, p. 142),

De fato, a própria busca de Ismael é igualada por uma aventura obsessiva e definitivamente trágica conduzida por Ahab, o capitão do navio-baleeiro *Pequod*, à medida que vasculha os mares à procura do gigante cachalote albino conhecido como Moby Dick, que lhe arrancou parte de uma das pernas.

A introdução do personagem Queequeg, o arpoador polinésio tatuado, estabelece desde cedo a temática da amizade e da convivência entre homens de origens distintas. Embora digam que seja pagão e canibal, é calmo, generoso, honesto e leal. O encontro entre Ismael e Queequeg ilustra a abertura cultural que caracteriza a vida marítima, marcada por figuras vindas de todo o mundo. Melville explora essa relação como exemplo de solidariedade humana em meio à dureza do ambiente oceânico. Ao mesmo tempo, a presença de Queequeg opera como contraponto ao etnocentrismo ocidental, revelando tensões e afinidades inesperadas.

Quando Ismael e Queequeg embarcam no *Pequod*, o romance toma um rumo mais sombrio com a entrada em cena do capitão Ahab (“Todos os grandes homens trágicos são criados com uma certa morbidez (...) toda grandeza mortal é apenas doença.”). Figura trágica por excelência, Ahab é apresentado como um homem consumido por uma obsessão: vingar-se da baleia branca que lhe arrancou a perna. Sua determinação irracional transforma o percurso do navio em uma missão quase mística, guiada por um propósito que transcende a caça comercial de baleias. Em Ahab, Melville constrói um personagem grandioso e terrível, cuja vontade de domínio sobre as forças naturais desafia os limites da condição humana (“[...] tudo o que destrói o rigor e endurece o cérebro, tudo o que há de sutilmente demoníaco na vida e no pensamento; em suma, toda a maldade, para Ahab, se tornava visível, personificada e passível de ser enfrentada em Moby Dick.”).

Conforme o *Livro da Literatura* (2016, p. 142),

Ahab, “um homenzarrão impiedoso como um deus”, percorre o convés socando o chão com sua prótese feita de osso de baleia, emanando um carisma satânico. Em um nível psicológico profundo, ele está engajado numa batalha contra Deus, a inefável presença por trás da ilógica máscara de Moby Dick – a visão que Ahab tem do mundo, segundo a qual todos os objetos representam algo desconhecido, inescrutável e maligno. Atingindo a baleia, Ahab atingirá Deus ou um agente desconhecido. A história de sua obsessão, tal como mostra o romance, é também uma busca pelo significado da vida e da morte, com *insights* sobre assuntos como religião e loucura.

A violenta sede de Ahab por vingança é amainada somente por seus sentimentos mais ternos, evidenciados no final por Pip, um jovem marujo negro, e por um breve interlúdio de nostalgia, quando ele derrama uma única lágrima sobre o mar. Falando a Starbuck, seu colega no *Pequod*, sobre seus quarenta anos de solidão no oceano, ele reflete sobre sua mulher “sim, enviei a pobre moça quando a desposei, Starbuck.”) e sobre seu filho pequeno. Esses lamentos são subjugados por sua luxúria desenfreada pela vingança, entremeada pela ira (dois pecados capitais num só).

O *Pequod* se torna, assim, espaço simbólico da sociedade humana, reunindo homens de diferentes línguas, religiões e classes. Essa multiplicidade ecos do nascente cosmopolitismo americano, ao mesmo tempo em que revela as tensões inerentes à convivência em ambientes hierarquizados. Cada tripulante representa um microcosmo cultural, e Melville utiliza essa diversidade para comentar, indiretamente, questões de raça, trabalho e autoridade.

De acordo com o *Livro da Literatura* (2016, p. 142),

A viagem do *Pequod*, e mesmo o próprio nome do navio, possui tons alegóricos: Pequod (ou Pequot) era uma tribo indígena norte-americana quase totalmente exterminada pelos pioneiros puritanos britânicos durante o séc. XVII. Por isso, a história sugere o destino de uma civilização formada pela sede insaciável pelo progresso material, pela expansão imperial, pela supremacia branca e pela exploração da natureza. A embarcação pode ser vista como um microcosmo do mundo e dos Estados Unidos em particular. E, como a obsessão de Ahab contamina todo o navio, toda uma sociedade se torna implicada.

A tripulação é uma mistura de raças e credos, refletindo a universalidade da visão de Melville. Trabalhando juntos, os marinheiros dependem uns dos outros. A liberdade de movimento e de comunicação tem lugar nas fronteiras hierárquicas de *status* e de comando. Entretanto, essa sociedade flutuante e diversa está longe de ser democrática: distinções sociais e raciais levam à desigualdade, e todos a bordo se curvam ante a mão de ferro de Ahab. A diversidade de pensamentos e sentimentos experimentada pela tripulação do baleeiro forma um contraponto dramático à monomania do capitão e à energia monolítica da baleia que ele está determinado a perseguir e matar.

O navio é uma fábrica flutuante e um instrumento de perseguição, e Melville estava totalmente consciente dos paralelos que os leitores fariam entre a embarcação e o capitalismo norte-americano, a era das máquinas e a economia de mercado.

A presença de Ahab no comando cria um ambiente de tensão permanente, em que o destino dos homens está atrelado ao impulso destrutivo de seu líder.

A persona de Ahab como um capitão do mar obsessivo e cheio de ódio é formada, a princípio, por boatos e informações secundárias. Ahab somente aparece em pessoa depois de decorridas mais de cem páginas do livro. (*Livro da Literatura*, 2016, p. 142).

A estrutura do romance é deliberadamente fragmentária, alternando capítulos narrativos, descritivos, enciclopédicos e filosóficos. Melville realiza uma espécie de catalogação da indústria baleeira, descrevendo métodos, instrumentos, espécies de cetáceos e práticas de navegação. Esses trechos, longe de serem meramente didáticos, contribuem para a atmosfera totalizante da obra, conferindo densidade e verossimilhança ao universo representado. Ao mesmo tempo, esses capítulos funcionam como pausas que equilibram o ritmo narrativo, preparando o leitor para momentos de maior dramaticidade.

A figura de Moby Dick, a baleia branca, é progressivamente construída como símbolo multifacetado (“E de todas essas coisas a baleia albina é o símbolo”). Ora metáfora do mal insondável, ora emblema da indiferença cósmica, ora força natural que resiste à dominação humana, a baleia nunca é descrita de forma definitiva. Sua brancura, tomada como signo ambíguo, reflete a impossibilidade de reduzir o mundo a significações unívocas. Melville, assim, coloca o leitor diante do enigma, sugerindo que qualquer tentativa de compreendê-lo plenamente fracassa diante da vastidão do real.

A baleia branca gigante que dá nome ao romance de Melville é um símbolo nítido da busca de Ahab por vingança. Entretanto, o animal é interpretado por outras personagens de várias maneiras, dependendo de sua educação, classe e crença – ou de sua falta desses atributos (Livro da Literatura, 2016, p. 142).

Ahab, por sua vez, encarna o impulso titânico de enfrentar o absoluto (“Não existe insensatez de animal algum na terra que não seja infinitamente superada pela loucura dos homens”). Sua obsessão o aproxima de heróis trágicos como Prometeu ou Aquiles, mas também o distancia deles ao evidenciar a futilidade moderna da busca por sentido totalizante. O conflito entre Ahab e Moby Dick torna-se, assim, alegoria da luta entre o homem e o insondável, entre a razão humana e o caos do universo (“Moby Dick não te procura. És tu, na tua loucura, és tu, que o procuras!”). A tragédia surge quando a obstinação do capitão arrasta consigo toda a tripulação, anulando qualquer possibilidade de escolha individual.

Ao longo da narrativa, Ismael registra encontros com outros navios, conhecidos como *gams*, em que capitães trocam informações sobre avistamentos da baleia branca. Esses episódios ilustram não apenas o modo de vida marítimo, mas também o contraste entre a obsessão de Ahab e a racionalidade pragmática dos demais comandantes. Muitas dessas embarcações funcionam como espelhos do *Pequod*, revelando trajetórias possíveis que Ahab recusa por completo.

O romance também explora de forma intensa a relação entre humanidade e natureza. O mar, apresentado como força imensurável, desafia a pretensão humana de controle e conhecimento. A vastidão oceânica torna-se metáfora do infinito, e os homens, reduzidos a pequenas figuras nesse cenário grandioso, percebem sua fragilidade diante do cosmos. Melville articula, assim, uma reflexão que transcende o plano narrativo e alcança dimensões metafísicas.

Em muitos trechos, a linguagem de Melville assume tom bíblico, aproximando a narrativa do registro épico. A presença constante de referências religiosas, mitológicas e históricas confere ao romance densidade intertextual (“Não me fale de blasfêmias, homem”, diz Ahab. Eu lutaria contra o sol se ele me insultasse”). Ahab, ao desafiar a baleia branca, comporta-se como figura que rivaliza com o próprio divino, um homem que busca ultrapassar limites metafísicos. A narrativa sugere, contudo, que essa tentativa de competir com o absoluto é autodestrutiva.

Conforme o *Livro da Literatura* (2016, p. 143),



*Moby Dick* é um épico de aspiração blasfema e faz uso de referências bíblicas para atribuir significado à sua estrutura. Suas duas personagens principais, Ismael e Ahab, recebem seus nomes de figuras da Bíblia. No Gênesis (16-25), Ismael, o filho ilegítimo do patriarca Abraão, foi preterido em favor de Isac, filho legítimo. Ao atribuir ao narrador esse nome, Melville destaca o fato de Ismael ser um aventureiro fora dos padrões: sua inexperiência na caça a baleias impede sua aceitação por parte da tripulação. Ahab, em Reis (1.21), é um tirano que cobiça um vinhedo e o obtém por meio de trapaça, mas está destinado a um fim inglório. Seu homônimo segue um padrão mais ou menos análogo em *Moby Dick*, obtendo êxito de uma maneira que sela seu próprio destino.

Melville, preocupado com as maquinacões do destino, faz uso da profecia para criar um sentido de presságio ominoso. Antes de Ismael alistar-se no *Pequod*, uma personagem chamada Elijah (outra equivalência bíblica) prevê um fim obscuro para a embarcação. Mais tarde, uma profecia de Fedallah, um arpoador, antevê as etapas finais da trajetória da narrativa. Ele diz que o capitão morrerá somente depois de ver dois féretros: um que não é feito por mãos mortais e outro feito de madeira cultivada nos Estados Unidos – o que Ahab interpreta como um sinal de sua sobrevivência à viagem.

Ismael, diferentemente de Ahab, demonstra uma postura reflexiva e aberta à multiplicidade de significados do mundo. Sua sobrevivência ao naufrágio final reforça essa diferença fundamental. Enquanto o capitão representa a busca singular e destrutiva por um sentido total, o narrador encarna a aceitação da ambiguidade, da pluralidade e da incompletude. A estrutura do romance favorece essa leitura, posicionando Ismael como testemunha capaz de transformar a tragédia em narrativa.

Ao abordar a indústria baleeira, Melville discute também a economia global do século XIX. As baleias eram fontes de óleo e matérias-primas essenciais, e a caça representava atividade lucrativa que conectava portos de diferentes continentes. O romance, portanto, revela não apenas o cotidiano marítimo, mas também as transformações econômicas e tecnológicas de seu tempo. Melville insere sua narrativa em um contexto mais amplo, refletindo sobre progresso, exploração ambiental e capitalismo emergente.

Consoante o *Livro da Literatura* (2016, p. 145),

O uso de vários elementos do teatro e da poesia, com a originalidade arrojada que ajuda a fazer de *Moby Dick* um marco da ficção, é equiparado a empréstimos de outro gênero literário: a enciclopédia. Enquanto o suspense da história é entremeado por uma série de dramáticas caças às baleias, esse ímpeto central é deliberadamente congelado em intervalos estratégicos, em capítulos que apresentam uma riqueza de informações antropológicas, zoológicas e relacionadas a outros dados factuais sobre baleias e sobre a atividade baleeira – exemplos disso são o relato sobre a extração de óleo de baleia e a discussão acerca da representação das baleias nas artes.

O volume prodigioso e a densidade de conhecimento à disposição parecem apropriados à experiência de Melville como autodidata: “Atravessei livrarias a nado”, declara Ismael, e Melville fez o mesmo, absorvendo quantidades enormes de conhecimento por meio de suas próprias leituras, muitas vezes em alto-mar. O conteúdo e o tom dos capítulos enciclopédicos preenchem o romance com um vasto recheio detalhado de realismo factual. Isso ajuda a relacionar a visão de mundo romântica e sombria de Melville à civilização habitada por leitores de livros, instruindo-os por meio de ciência e história.

A dinâmica entre liberdade e autoridade no *Pequod* constitui outro eixo central. Ahab exerce poder absoluto, e sua figura evidencia a fragilidade dos limites éticos da liderança. Os tripulantes, mesmo percebendo os riscos, muitas vezes cedem à força carismática de seu capitão, revelando como



estruturas hierárquicas podem anular o discernimento individual. Melville antecipa, de certa forma, discussões modernas sobre poder e sujeição.

A amizade entre Ismael e Queequeg funciona como contraponto luminoso à sombra de Ahab. Essa relação, construída sobre respeito mútuo e solidariedade, exemplifica a capacidade humana de superar diferenças culturais. O romance revela, assim, a coexistência de duas forças: uma destrutiva, encarnada pela obsessão; outra vital, representada pela fraternidade. A presença dessa dupla dimensão confere profundidade emocional à narrativa.

De acordo com o *Livro da Literatura* (2016, p. 144),

Depois de conhecer o arpoador Queequeg, Ismael comenta asperamente: “É melhor dormir com um canibal sóbrio do que com um cristão bêbado”. Essa depreciação da ortodoxia cristã, bem como de outras religiões, aparece ao longo do romance. Reunindo a tripulação no convés, Ahab obriga os três arpoadores “pagãos” a beber na cabeça de seus arpões, numa cena que faz lembrar uma missa sacrílega. Ele os chama de cardeais, e seus receptáculos com bebida, de cálices, forçando-os a jurar Moby Dick de morte. Mais tarde, para a ponta de um arpão suja de sangue, que ele pretende usar para espartar a baleia, ele declara: “Eu o batizo, não em nome do Pai, mas em nome do Demônio” – uma frase que Melville descreveu para Hawthorne como o “lema secreto” do livro. Ele escreveu ao colega escritor afirmando que havia criado um “livro maldito”, e, numa carta anterior, que seu romance era “inflamado pelo fogo infernal”. O próprio navio, pintado de preto e decorado com enormes dentes e ossos de cachalotes, lembra uma embarcação funerária de alguma religião tribal funesta – Melville o descreve como “uma nave canibal, ornada com os ossos de seus inimigos”. À noite, as fogueiras utilizadas para derreter a gordura das baleias transformavam o navio num “inferno vermelho”. Dessa forma, até mesmo a ambientação do romance ganha os tons de uma fê subvertida que tão frequentemente se faz refletir nas ações e nos diálogos.

Os momentos de ação, como os botes lançados ao mar durante a caça, são descritos com ritmo vigoroso. Esses trechos evidenciam o domínio técnico de Melville, capaz de conjugar precisão documental e intensidade dramática. A caça à baleia torna-se espetáculo grandioso, em que o perigo constante reforça a vulnerabilidade do ser humano diante das forças naturais.

Segundo o *Livro da Literatura* (2016, p. 144),

O livro lança mão de dispositivos mais frequentemente associados ao teatro do que aos romances, incluindo solilóquios (discursos que compartilham os pensamentos das personagens diretamente com o público), marcações para o palco e, no capítulo 40 (“Meia-noite, Castelo de Proa”), uma breve peça dramática.

Ao descrever a ambição autodestrutiva, Melville foi inspirado pelo herói trágico elisabetano: Ahab apresenta traços do trágico herói-vilão Macbeth, de Shakespeare, assim como do rei Lear em sua insensatez impiedosa, e de Hamlet, em sua pulsão pela vingança.

Em um ensaio de 1850, Melville escreveu sobre sua admiração pelas “coisas profundas e distantes” de Shakespeare, e pelas verdades vitais proferidas por suas “personagens sombrias”. Melville usou meios explicitamente shakespearianos para expressar seus pontos de vista a partir de solilóquios já mencionados (utilizados com grande força por Shakespeare) à linguagem intensa e elevada numa prosa que realmente expressa a cadência do verso branco (poesia rítmica sem rima).

Melville também se inspirou na linguagem de *O paraíso perdido*, poema épico em verso branco de John Milton. Há paralelos também com o poema *A balada do velho marinheiro*, de Samuel Taylor Coleridge – o albatroz abatido pelo marinheiro equivale à baleia de Melville.

[...]

Os traços do teatro shakespeariano e o conteúdo factual constituem dois estilos de prosa característicos do romance. Equiparado a ambos encontra-se um terceiro: a casualidade

conversacional. Essa feição narrativa se anuncia na segunda afirmação de Ismael (“Alguns anos atrás – não importa exatamente quanto tempo – tendo pouco ou nenhum dinheiro...”) e ressurgue com frequência no meio do texto com elaborada expressividade teatral. Assim, gêneros e estilos se misturam, produzindo um efeito poderoso.

Ao longo da narrativa, a figura da baleia branca adquire conotações cada vez mais metafísicas (“Eu a vejo em sua força descomunal, fortalecida por uma malícia inescrutável.”). Moby Dick não é apenas um animal extraordinariamente forte; é força que não pode ser circunscrita por linguagens ou categorias humanas. Sua irracionalidade aparente torna-se símbolo de resistência ao domínio humano, em oposição ao impulso de Ahab de impor ordem ao caos. A luta entre ambos é, portanto, mais simbólica do que literal.

Nos momentos finais, Melville intensifica o tom trágico do romance. O encontro derradeiro com a baleia conduz à destruição do *Pequod*. Ahab, ao atacar Moby Dick pela última vez, sela o destino de sua tripulação. O naufrágio é descrito como evento de magnitude cósmica, em que o navio desaparece sob as águas, arrastado para o abismo. Ismael, único sobrevivente, boia sobre o caixão de Queequeg — ironicamente transformado em objeto de salvação. Por um dia e uma noite, Ismael flutua nele, até que o *Rachel*, ainda procurando por seus marinheiros perdidos, o resgata.

A imagem final reforça o contraste entre destruição e sobrevivência, entre obsessão e aceitação (“Como consegue enfrentar tudo sem a loucura? Será que os céus ainda o odeiam tanto a ponto de não lhe permitir enlouquecer?”). O caixão, símbolo de morte, converte-se em veículo de vida. Essa inversão emblemática resume a filosofia implícita do romance: o mundo é ambíguo, e as soluções absolutas são ilusões fatais. A sobrevivência de Ismael aponta para uma perspectiva aberta ao múltiplo, em oposição ao totalitarismo simbólico de Ahab.

Ainda de acordo com o *Livro da Literatura* (2016, p. 145),

*Moby Dick* possui uma profundidade enciclopédica e estilos literários múltiplos: como os oceanos ocupam dois terços da superfície da Terra, o livro talvez possa ser descrito como um drama psicológico concebido sobre a maior escala imaginável. Com sua consideração sobre o bem e o mal em um cosmo indiferente, e sua realização de um mundo social detalhado, esse épico monumental de fanatismo misturado a uma visão trágica estabelece um novo marco para as aspirações ficcionais.

Assim, *Moby Dick* articula-se como romance de múltiplas camadas, que ultrapassa o gênero da aventura marítima. Melville realiza uma meditação profunda sobre o destino humano, a relação entre homem e natureza, os limites da razão e os abismos da obsessão. A vastidão do mar, a multiplicidade cultural da tripulação e a figura enigmática da baleia conferem ao romance densidade que resiste ao tempo. A narrativa, ao final, permanece aberta, convidando o leitor à reflexão.

#### 4 DISCUSSÃO – AVENTURAS MARÍTIMAS E AMIZADES

A comparação entre *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* e *Moby Dick* permite identificar dois momentos distintos da literatura norte-americana do século XIX, marcados por diferenças estéticas fundamentais, mas também por pontos de contato estruturais. As obras dialogam tanto pela exploração do imaginário marítimo quanto pela construção de um ambiente de confinamento que impulsiona reflexões existenciais. Ao analisá-las sob a ótica de Erich Auerbach, revela-se a forma como cada autor organiza o real, atribuindo ao mar funções simbólicas diferentes e mobilizando estratégias narrativas que produzem efeitos igualmente distintos sobre o leitor.

Em Poe, observa-se uma escrita fortemente vinculada ao gótico, ao estranho e ao fantástico, cuja urdidura narrativa privilegia atmosferas de inquietação. Seu estilo tende ao abrupto, ao fragmentário, ao estranhamento, frequentemente rompendo com expectativas de continuidade e coerência. Essa tendência cria uma tensão permanente entre realidade e irrealidade. Melville, por outro lado, articula um estilo que combina elementos épicos, bíblicos, enciclopédicos e filosóficos. Sua escrita é expansiva, densa e profundamente reflexiva, frequentemente interrompendo o curso da narrativa com digressões que ampliam o horizonte de leitura.

As diferenças estilísticas revelam dois modos distintos de representar o mar. Em Poe, o mar tende a ser um espaço hostil, um abismo cheio de segredos ameaçadores, que aproxima a narrativa de uma experiência limítrofe. O oceano adquire contornos de pesadelo, funcionando como metáfora da instabilidade psíquica. Já em Melville, embora o mar também seja palco de ameaças, ele é simultaneamente arena de grandeza, espaço filosófico, símbolo da imensidão do mundo e da falta de sentido. A vastidão oceânica assume papel metafísico, revelando a pequenez humana diante do infinito.

A aventura marítima, portanto, assume função distinta em cada autor. Poe utiliza a aventura como mecanismo de tensão dramática e psicológica, intensificando o estranhamento do leitor. O mar empurra os personagens para situações de horror, mutações inexplicáveis e fenômenos sobrenaturais. Melville transforma a aventura marítima em instrumento de sondagem existencial, no qual cada evento serve de reflexão moral, filosófica ou simbólica. A viagem do *Pequod* não é apenas jornada física, mas travessia espiritual.

O confronto com a alteridade nas duas obras também segue caminhos distintos. Em Poe, as relações humanas nunca se consolidam plenamente; há sempre uma atmosfera de suspeita, desencontro ou dissolução das relações. A amizade não se desenvolve como tema central, e as interações tendem à função instrumental, voltadas à sobrevivência. Já em Melville, a convivência entre tripulantes constitui um dos pilares da narrativa, e a amizade entre Ismael e Queequeg é exemplar nesse sentido. Essa amizade funciona como contrapeso moral à obsessão de Ahab, representando a possibilidade de fraternidade no interior de um ambiente agressivo.

Ao analisar ambas as obras sob o prisma da mimese histórica proposta por Auerbach, observa-se que Poe mobiliza uma representação mais subjetiva e fantástica, criando um mundo literário que se distancia deliberadamente da realidade cotidiana. Auerbach destacaria, nesse caso, a maneira como Poe organiza a realidade de modo estilisticamente elevado, com tonalidade sublime e carregada de efeitos sensoriais. Melville, por outro lado, aproxima-se daquilo que Auerbach denomina “representação séria da realidade”, pois incorpora à narração elementos concretos da vida marítima e da economia baleeira, superpostos a camadas simbólicas e filosóficas.

Essa diferença é especialmente nítida na construção dos narradores. Pym, como narrador, oscila entre a tentativa de conferir verossimilhança ao relato e a admissão de circunstâncias tão extraordinárias que desestabilizam o pacto ficcional. Sua voz é frágil, insegura, sujeita a lacunas. Ismael, diferentemente, apresenta-se como narrador reflexivo, consciente da complexidade do mundo e da multiplicidade de registros necessários para narrá-lo. Ele assume a ambiguidade do real, ampliando o escopo do relato.

O enredo de Poe é marcado por rupturas abruptas, perigos súbitos e uma constante intensificação do inverossímil. A linearidade da narrativa é frequentemente interrompida por eventos que desafiam explicações. Em Melville, embora o enredo também conduza a momentos de extrema dramaticidade, há maior organicidade na construção simbólica e maior elaboração na articulação dos episódios. Mesmo as digressões enciclopédicas têm função integrada ao conjunto, contribuindo para a densidade reflexiva da obra.

Comparando os dois usos do mar enquanto metáfora existencial, percebe-se que Poe privilegia o terror do desconhecido, enquanto Melville explora a impossibilidade de compreender plenamente o mundo. Em Poe, a escuridão, a descida ao abismo e o clima de catástrofe são elementos predominantes. Em Melville, a obsessão humana por domínio e sentido — representada pela figura de Ahab — torna-se o centro do drama. Em ambos, porém, o mar é força incontornável que revela limites humanos.

O exotismo também aparece de maneiras diversas nas duas narrativas. Poe utiliza o exotismo como artifício literário, reforçando a atmosfera de mistério, especialmente na parte final da obra, em que a paisagem antártica assume traços góticos. Melville, por sua vez, aborda o exotismo de modo mais complexo, integrado a reflexões antropológicas e econômicas. O contato com diferentes culturas, representado principalmente por Queequeg, é tratado com maior densidade humana e sociológica.

Outro ponto de diálogo e divergência entre as obras é a relação com a morte. Em Poe, a morte é presença constante e explícita, muitas vezes associada ao horror material — corpos, naufrágios, fome, violência. Em Melville, embora também permeie a narrativa, a morte assume caráter metafísico: é parte do destino humano e se relaciona com a busca de sentido. A morte em *Moby Dick* é trágica, enquanto em Poe é macabra.

A convivência dos tripulantes também merece comparação detalhada. Em Poe, a tripulação é frequentemente desfuncional, marcada por motins, traições e mortes violentas. A desordem é regra, não exceção. O navio nunca se estabiliza como comunidade humana. Em Melville, por outro lado, o *Pequod* funciona como miniatura da sociedade, com regras, hierarquias e papéis definidos. Embora haja tensões, há também cooperação, solidariedade, trabalho coletivo e vínculos afetivos.

Essa diferença revela modos distintos de representar a sociabilidade humana. Poe sugere a impossibilidade de estabilidade e confiança em ambientes extremos. Melville, ao contrário, acredita na capacidade humana de estabelecer laços, ainda que frágeis. A amizade entre Ismael e Queequeg sintetiza essa visão: é ponte entre culturas e amparo emocional em meio ao caos.

O papel da autoridade também é tratado de forma distinta. Em Poe, a liderança é instável e frequentemente perigosa, culminando em mortes ou desaparecimentos. Em Melville, a autoridade é representada por Ahab — figura tirânica e obsessiva, cuja imposição de vontade leva ao desastre. Entretanto, Melville aprofunda a reflexão sobre o poder, mostrando que a tirania se sustenta também na submissão voluntária ou no medo. Poe, em contraste, utiliza a autoridade mais como elemento de suspense do que como reflexão moral.

A relação com o desconhecido é outro ponto essencial. Poe transforma o desconhecido em fonte de horror absoluto, cujo ápice é o desfecho abrupto e ambíguo da narrativa. Melville, porém, reconhece o desconhecido como parte constitutiva da experiência humana — algo a ser contemplado, não apenas temido. Essa diferenciação revela a profundidade filosófica maior na obra de Melville em comparação com o enfoque psicológico e sensorial de Poe.

Ambos os autores trabalham com a ideia de fronteira. Em Poe, a fronteira é espacial, mas também psíquica, levando o protagonista ao limite da sanidade. Em Melville, a fronteira é essencialmente metafísica, sendo a baleia branca a mais impenetrável das fronteiras. Em ambos, a travessia marítima constitui jornada de autoconhecimento, embora com resultados distintos.

Auerbach possibilita uma leitura que evidencia a dimensão histórica das escolhas estilísticas. Poe estrutura um universo literário que se desprende da realidade social de seu tempo, criando atmosferas atemporais e fantásticas. Melville, ao contrário, insere sua narrativa no tecido concreto da vida marítima do século XIX, incluindo suas contradições econômicas, sociais e tecnológicas. A mimese melvillianiana, portanto, é mais complexa e multidimensional.

A proporção dos episódios também revela diferenças significativas. Poe constrói cenas rápidas, intensas, quase cinematográficas, nas quais o ritmo frenético amplifica o suspense. Melville descende em minúcias, expandindo detalhes técnicos, filosóficos e simbólicos. O tempo narrativo em *Moby Dick* é dilatado, enquanto em Poe é convulso.

A função dos companheiros de viagem também é distinta. Em Poe, os companheiros são transitórios, frequentemente sacrificados ou eliminados ao longo da narrativa. Não há construção

profunda de vínculos. Em Melville, as relações entre os tripulantes constituem parte essencial da estrutura do romance, contribuindo para a visão panorâmica da experiência humana.

As duas obras, contudo, convergem ao utilizar o mar como força disruptiva. Em ambos os romances, o oceano ameaça continuamente a integridade física e emocional dos personagens. As tempestades, os naufrágios, o isolamento e a incerteza produzem tensão narrativa constante. O mar impõe limites à ação humana, revelando a fragilidade dos protagonistas.

Embora Poe e Melville adotem abordagens diferentes, ambos exploram o mar como local onde a identidade é colocada à prova. Em Pym, a identidade é corroída pela experiência extrema, aproximando-se da dissolução. Em Ismael, a identidade é reconstruída pela reflexão e pela convivência — culminando na sobrevivência.

A figura do monstro também aparece nas duas narrativas. Em Poe, o monstro não é sempre material; muitas vezes é atmosfera, ambiente, sombra, alucinação. Em Melville, o monstro é concreto — a baleia — mas sua concretude abre para significados múltiplos. Poe intensifica o medo; Melville intensifica o enigma.

As estruturas finais das obras também contrastam fortemente. Poe encerra sua narrativa de forma abrupta, deixando lacunas deliberadas que acentuam o caráter indecível da obra. Melville, por sua vez, conduz o enredo a uma culminação trágica, estruturada e simbólica, na qual o destino dos homens se resolve em ato épico.

A experiência de leitura das duas obras, portanto, difere em intensidade e natureza. Poe oferece uma experiência de horror, de perturbação, de desorientação. Melville oferece uma experiência de contemplação, de questionamento e de grandeza trágica. Ambas, contudo, produzem forte impacto emocional e intelectual.

Ao observar as duas obras como produções da literatura marítima, conclui-se que Poe privilegia o mar como dispositivo narrativo de suspense, enquanto Melville o transforma em arena filosófica. O oceano, em Poe, é ameaça; em Melville, é mistério. Em ambos, porém, cumpre papel decisivo na constituição da narrativa.

A convivência entre tripulantes revela nuances antropológicas nas duas obras. Poe destaca o colapso das relações humanas sob pressão. Melville revela seu potencial para solidariedade e conflito. Essa diferença resulta não apenas de estilos distintos, mas de visões de mundo diferentes.

O caráter simbólico das viagens também merece destaque. Em Poe, a viagem é descida ao abismo. Em Melville, é busca pelo sentido do infinito. Em ambos, a travessia transcende o deslocamento físico e adquire conotação espiritual.

O papel da loucura também aparece de forma diferenciada. Em Poe, a loucura é ameaça iminente, frequentemente assimilada ao próprio ambiente. Em Melville, a loucura é personificada em

Ahab e funciona como motor trágico do enredo. As duas obras revelam, porém, que ambientes extremos testam a estabilidade da mente humana.

A articulação entre natureza e humanidade também difere. Poe apresenta a natureza como força caótica e destrutiva. Melville identifica nela grandeza e indiferença. Essas distinções apontam para visões filosóficas divergentes sobre o lugar do homem no mundo.

Apesar das diferenças, ambos os romances dialogam profundamente pelo uso do mar como cenário de experiência limite. Nas duas obras, o oceano expõe a precariedade humana e questiona a racionalidade. A viagem marítima emerge como metáfora da jornada humana pelo desconhecido.

A perspectiva de Auerbach ilumina a capacidade dessas obras de representar a realidade através de estilos específicos. Poe escolhe o extraordinário, o terrível, o fantástico. Melville escolhe o complexo, o ambíguo, o sublime. Em ambos, há construção literária que transcende o simples relato de viagem.

As duas obras também abordam o tema da sobrevivência. Em Poe, sobreviver é escapar do horror crescente. Em Melville, sobreviver é compreender e aceitar a ambiguidade do mundo. Ismael e Pym, ambos narradores, são sobreviventes — mas carregam experiências completamente distintas de sobrevivência.

Os navios também funcionam como símbolos. O navio de Pym é caótico, instável, condenado desde o início. O *Pequod* é miniatura da sociedade americana, organizada e hierárquica, mas igualmente condenada pela obsessão de seu líder. Ambos os navios, no entanto, representam a vulnerabilidade humana diante da vastidão oceânica.

A identidade dos protagonistas também contrasta. Pym é jovem inexperiente, levado pelos acontecimentos. Ismael é introspectivo, observador, reflexivo. Essa diferença produz efeitos distintos nas estruturas narrativas.

Finalmente, ao comparar as duas obras sob o eixo da amizade e da convivência, conclui-se que *Moby Dick* se destaca por elaborar relações humanas densas e simbólicas, enquanto Poe opta por relações superficiais, marcadas pela instabilidade. Essa diferença revela a amplitude da visão melvillianiana frente à intensidade dramática de Poe.

Assim, *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* e *Moby Dick* dialogam pelo mar, pela aventura e pela exploração da condição humana, mas divergem profundamente em estilo, estrutura e visão de mundo. Ambas, contudo, representam momentos essenciais da literatura norte-americana, contribuindo para a construção de um imaginário marítimo que permanece como uma das grandes tradições do século XIX.



## 5 CONCLUSÃO

As obras *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* e *Moby Dick* demonstram, cada uma a seu modo, a profunda capacidade da literatura norte-americana do século XIX de unir elementos de aventura, introspecção e reflexão metafísica, projetando o mar como espaço simbólico por excelência. A leitura comparativa, à luz de Erich Auerbach, permite compreender como ambas constroem formas específicas de representação do real, oscilando entre violência, transcendência e contingência humana.

No romance de Poe, a aventura marítima assume um caráter de espanto e desestruturação. A sucessão de acontecimentos extremos leva o leitor a uma experiência de ruptura, na qual o real é tensionado até seus limites mais sombrios. Tal procedimento aproxima a obra do que Auerbach identifica como modos pré-realistas, ainda herdeiros do sublime romântico.

Já em Melville, a aventura marítima é moldada por uma forma complexa de realismo espiritual, que combina observação minuciosa da vida baleeira com uma profunda meditação filosófica sobre obsessão, destino e transcendência. O mar, nesse contexto, torna-se palco para uma interação permanente entre facticidade e alegoria.

O diálogo entre as narrativas evidencia que, embora partam de premissas comuns — viagem, naufrágio, perigo, convivência entre homens isolados —, elas se inscrevem em tradições estéticas diversas. Poe opta pela intensificação do horror e pela desestabilização contínua; Melville, pela ampliação epistemológica e pela densidade simbólica.

A representação dos tripulantes constitui outro ponto-chave para a comparação. Em Poe, os laços entre os personagens são frágeis, circunstanciais e frequentemente marcados pelo medo e pela necessidade. A amizade, quando surge, permanece instável, quase sempre submetida à lógica do sobrevivencialismo.

Em Melville, ao contrário, a convivência entre os marinheiros assume contornos ritualísticos e estruturantes. A amizade entre Ismael e Queequeg exemplifica o potencial integrador do convívio no mar, oferecendo uma dimensão ética que se articula à visão mais ampla de humanidade presente no romance.

Auerbach permite entender que essa diferença não é apenas temática, mas estrutural. Melville constrói personagens que se inscrevem em formas mais densas de realidade, dotados de interioridade e historicidade. Poe, por sua vez, trabalha com figuras que encarnam tensões psicológicas imediatas, quase sempre submetidas à atmosfera de ameaça.

Contudo, ambas as obras partilham a percepção de que o mar é um espaço de deslimitação, no qual as estruturas habituais da vida terrestre se desfazem. Nesse vácuo estrutural, o sujeito é confrontado com forças naturais e morais que excedem sua compreensão, permitindo leituras existenciais que se aproximam.

O papel do narrador reforça essa convergência. Pym e Ismael recorrem à escrita como forma de organizar a experiência, aproximando-se do que Auerbach descreve como necessidade de representação do vivido por meio da linguagem. Suas narrativas, embora divergentes em tonalidade, emergem de um impulso comum de testemunho.

A natureza da aventura, contudo, varia substancialmente. Em Poe, a aventura é desorientadora, sucessivamente interrompida e reconfigurada por eventos de horror, perda e instabilidade. Em Melville, ela se desenvolve de modo mais orgânico, ainda que permeada pela obsessão de Ahab, que gradualmente se torna o eixo simbólico da narrativa.

A figura da autoridade também aparece de modo contrastivo. Enquanto Poe apresenta lideranças fragmentadas e frequentemente caóticas, Melville elabora a figura monumental de Ahab, cuja tirania interior se projeta sobre toda a tripulação. Auerbach permitiria ler Ahab como personagem trágico moderno, radicalmente empenhado em sua própria transcendência.

A convivência entre os tripulantes, no romance de Poe, tende ao colapso. A experiência coletiva é constantemente ameaçada por motins, mortes, rivalidades e choques entre interesses particulares. O navio, longe de ser comunidade, torna-se microcosmo da dissolução social.

Em *Moby Dick*, ao contrário, a tripulação se converte em metáfora de uma sociedade cosmopolita e heterogênea, organizada por normas, rituais e funções específicas. Melville usa essa diversidade para expandir a reflexão sobre humanidade, alteridade e solidariedade.

A amizade, nesse sentido, adquire uma função determinante para o romance melvillianiano, desempenhando um papel ético e afetivo que não aparece na mesma intensidade em Poe. Queequeg e Ismael se tornam exemplos de uma fraternidade que ultrapassa barreiras culturais e linguísticas.

Ainda assim, o confronto com o desconhecido permanece central nas duas obras. Enquanto Poe projeta o desconhecido como ameaça que se intensifica até o final abrupto, Melville trabalha o desconhecido como campo de sentido, tornando a baleia branca um símbolo inesgotável.

Auerbach ajuda a compreender como Melville cria uma forma mais ampla de realismo, capaz de acolher múltiplos registros narrativos — enciclopédicos, teológicos, naturalistas, metafóricos — sem perder sua integridade artística. Poe, por sua vez, elabora um realismo de perturbação, marcado por atmosferas densas e rupturas sucessivas.

A leitura comparativa revela, portanto, que o mar, mais do que cenário, é força estruturante nas duas narrativas. Ele define riscos, aproximações, escolhas morais e limites da experiência humana, funcionando como espelho da interioridade dos personagens.

As obras também convergem na tentativa de questionar a estabilidade das categorias narrativas tradicionais. Tanto Pym quanto Ismael experimentam momentos de incerteza, em que os limites entre realidade e imaginação se tornam permeáveis, aproximando as narrativas de zonas de ambiguidade próprias da modernidade literária.

Apesar das diferenças de estilo, finalidade estética e construção simbólica, Poe e Melville compartilham a convicção de que a aventura marítima é via privilegiada para investigar os conflitos internos do ser humano. A viagem, assim, traduz-se em busca identitária, enfrentamento com o limite e articulação entre indivíduo e coletivo.

Em síntese, a análise comparativa das duas obras, orientada pela perspectiva de Auerbach, evidencia que *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* e *Moby Dick* constituem não apenas marcos na literatura marítima, mas expressões vigorosas da capacidade da ficção de lidar com a complexidade da existência humana. Cada uma, a seu modo, demonstra que o mar é, simultaneamente, realidade sensível e metáfora infinita do gesto narrativo — campo onde o sujeito, diante do indeterminado, procura dar forma ao mundo por meio da palavra.



## REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- AUERBACH, Erich. *Ensaio de literatura ocidental*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CANTON, James (org.). *O livro da literatura*. São Paulo: Globo, 2016.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick; or, The Whale*. New York: Harper & Brothers, 1851.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Trad. Irene Hirsch e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- POE, Edgar Allan. *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket*. New York: Harper & Brothers, 1838.
- POE, Edgar Allan. *A narrativa de Arthur Gordon Pym*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BLOOM, Harold. *Herman Melville*. New York: Chelsea House, 2008.
- BRIGGS, Julia. *Edgar Allan Poe: A Biography*. Cambridge: Belknap Press, 1990.
- MATTHEWS, John T. *Melville and the Politics of Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- NESTAREZ, Oscar. *A narrativa de Arthur Gordon Pym*. Disponível em: [https://carambaia.com.br/a-narrativa-de-arthur-gordon-pym-edgar-allan-poe?srsId=AfmBOoojsrRwLwamLJARth8NCG\\_fNqnlBfQxAo4s7KSr9mwGJ-JIVraU](https://carambaia.com.br/a-narrativa-de-arthur-gordon-pym-edgar-allan-poe?srsId=AfmBOoojsrRwLwamLJARth8NCG_fNqnlBfQxAo4s7KSr9mwGJ-JIVraU). Acesso em: 05 jan. 2026.
- NESTAREZ, Oscar. *Conheça a história por trás do único romance de Edgar Allan Poe*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2021/09/conheca-historia-por-tras-do-unico-romance-de-edgar-allan-poe.html>. Acesso em: 05 jan. 2026.
- VENTURA, Roberto. *Edgar Allan Poe e a crítica brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- WILLIAMS, Raymond. *O romance inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.